



A INTERFACE ENTRE GLOBALIZAÇÃO, MÍDIA E PLURALIDADE RELIGIOSA

The interface among globalization, media and religious plurality

Iêda de Oliveira Caminha Silva ¹

Jailson da Silva ²

Prof.^a. Pós Dr.^a Eunice Simões Lins Gomes ³

Resumo:

O objetivo deste artigo é compreender a interface entre globalização, mídia e religião, uma vez que estes fenômenos são resultantes das complexidades do ser. Para tanto, procurou-se responder se esses fenômenos concorrem para o “bem” da humanidade. Esta pesquisa é bibliográfica e descritiva numa abordagem qualitativa. Compreendemos que o ser humano busca respostas e também as cria para favorecer a sua existência e explicar a sua realidade.

Palavras-chave:

Globalização. Mídia. Pluralismo religioso.

Abstract:

The objective of this paper is to understand the interface between globalization, media and religion, since these phenomena are the result of the complexities of being. Toward this end, we sought to answer whether these phenomena contribute to the "good" of humanity. This research is descriptive and bibliographic in a qualitative approach. We understand that the human being seeks answers and also creates them to favor their existence and to explain their reality.

Keywords:

Globalization. Media. Religious Pluralism.

¹ Iêda de Oliveira Caminha Silva. Bacharel em Teologia (IBBB). Graduação em Pedagogia com habilitação em supervisão escolar (UFPB). Especialização em gestão escolar (FIP), Mestre em Ciências das Religiões (UFPB) Atualmente professora do Ensino Religioso da rede municipal de João Pessoa – PB. E-mail: iedaocs@gmail.com

² Jailson da Silva. Graduado em História, Professor de Ensino Religioso da Rede do Município de João Pessoa. Mestre em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Pesquisador do GEPAI na UFPB. E-mail: jailsondasc@gmail.com

³ Prof.^a Pós-Doutora no Departamento - DCR e no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões-PPGCR da Universidade Federal da Paraíba-UFPB E-mail: euniceslgomes@gmail.com Grupo de Estudo e Pesquisa em Antropologia do Imaginário (Gepai) - <http://gepai.yolasite.com>

Introdução

O conceito de globalização é complexo e amplo. Segundo Baptista⁴, é um fenômeno, cuja significação semântica é eventualmente usada como sinônimo de “mundialização”, “internacionalização”, “globalidade”, mas foge de seu significado real, pois globalização é o termo usado para relacionar os aspectos econômicos, políticos e culturais, enquanto a mundialização compreende os fenômenos da internacionalização e da globalização.

As transformações ocorrem no mundo com muita velocidade, como se o relógio do tempo perdesse o seu compasso. Tudo é rápido, uma sociedade globalizada e imediatista. Categorias como a “mundialização” e a “globalização” procuram explicar esse momento, mas não conseguem tendo em vista a rapidez que as informações são repassadas por meio da mídia. Por isso, faz-se necessário esclarecer tais conceitos, pois serão confrontados com o fazer teológico, uma vez que a Teologia da Libertação e a Teologia do pluralismo religioso fazem uso do momento vivenciado.

Segundo Baptista, mundialização é um termo usado pelos cristãos e islâmicos para expandir as tradições religiosas pelo mundo. Já a Teologia da Libertação utiliza as mudanças e as transformações que ocorrem no mundo para fazer uso do seu método teológico. Mundialização “É um conceito que revela grande amplitude e que sempre se fez presente na história humana, acentuando-se muito nos últimos cinco séculos”.⁵

A mundialização, no século XX, acelerou-se pelo desenrolar das relações humanas entre os povos e nações; ainda mais com o desenvolvimento do comércio entre os países e sua internacionalização, e o desenvolvimento tecnológico, que abriu as portas da comunicação acelerada, transpôs barreiras e encurtou distâncias. A internacionalização surge com o desenvolvimento da mundialização e com o aparecimento do capitalismo, segundo Baptista.

Pensemos globalização no plural, interligada com as dimensões: econômica, social, política e cultural, dando-nos sua exata significação. Para Giddens⁶, globalização é um fenômeno e acontece num singular e complexo processo. É, ainda para Baptista, um fenômeno polivalente e ambivalente, que pode ser definido, objetivamente, como uma progressiva independência das diferentes sociedades do planeta; e, subjetivamente, como uma nova forma de consciência global nos indivíduos de nossa época. Para Baptista,

A ideia de globalizações, portanto, no plural e com enorme complexidade e com interfaces que se relacionam mutuamente, parece ser consenso entre diversos autores e abre perspectivas de se compreender esse fenômeno em suas diversas dimensões: econômica, social, política, cultural e religiosa, e também objetiva e subjetivamente. Para a sua utilização na teologia – inteligência da fé que se articula com a vida e toda a realidade – essa visão plural ajuda e mostra como as teologias destacam mais um ou outro aspecto, dependendo da temática, do objeto ou do contexto abordado.⁷

Nesta perspectiva, a economia consiste na dimensão mais expressiva da globalização pelo fato de comprometer todas as outras dimensões: a social, a política e a cultural, pois é a base dessa nova organização e acumula capital na estrutura capitalista, cuja lógica faz mover os demais

⁴ BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. *Globalização e as teologias da Libertação e do Pluralismo Religioso*. Belo Horizonte: Horizonte, 2006. p. 55 .

⁵ BAPTISTA, 2006, p. 58.

⁶ GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrole*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

⁷ BAPTISTA, 2006, p. 60.

setores das sociedades e nações como a religiosidade dos povos e entre as nações, no dizer de Baptista⁸.

No aspecto econômico, tem-se o desenrolar do neoliberalismo com sua ideologia de mercado global. Para Oliveira⁹, a globalização é um processo gerador de vítimas, que são as populações do terceiro mundo, sempre mais excluídas e empobrecidas. Na dimensão social, acontece uma aliança entre as multinacionais e a supremacia da elite capitalista, cujo resultado é cada vez mais a desigualdade social. Ou seja, quem mais tem mais investe e mais domina. No aspecto político, há a redução do poder do estado, que passa a ser comandado por organizações financeiras como FMI, Banco Mundial e empresas privadas.

A cultura tem a responsabilidade de sedimentar as ideias capitalistas, conseqüentemente, tudo se transforma em mercadoria, inclusive a própria cultura e a religião. A lógica de mercado alia-se ao desenvolvimento da mídia, cuja imagem tem poder sobre os indivíduos.

O desenvolvimento da mídia

A história do desenvolvimento da mídia assinala, de forma simples, que as pesquisas científicas e seus resultados progridem sem que a humanidade, a princípio, compreenda seu poder utilitário. Por outro lado, o rádio como ferramenta dessa era, também chamada de “idade midiática”, possui poder direcionador de ideias. Segundo Santana:

O rádio é a mídia de maior alcance de público. Pelo tipo de linguagem utilizada, pelo seu poder de mobilização, divulgação de posições e informações, o rádio toma proporções consideráveis. No rádio é possível direcionar de forma mais clara o público alvo, diferentemente da televisão. De modo geral, a televisão busca um público sempre maior, o que resulta numa padronização da programação.¹⁰

A mídia, a globalização e a religião são fenômenos inseparáveis movidos pelos passos da humanidade. Deste modo, globalização e mídia possuem caminhos entrecruzados. Com os avanços científicos, a mídia desenvolveu-se rapidamente. Desde que James Clerk Maxwell, em 1873, descobriu, matematicamente, a existência das ondas eletromagnéticas, diferentes, somente em tamanho, das ondas de luz, mas com a mesma velocidade: trezentos mil quilômetros por segundo. Ondas comprovadas na prática por Henrich Rudolph Hertz, em 1890, denominadas hoje de "ONDAS DE RÁDIO". Cujas experiências basearam-se na teoria de Maxwell.

Assim, desde o surgimento do rádio, a mensagem telegráfica por Alexander Stepanovitch Popov (1859-1906) que, no dia 7 de maio de 1895, transmitiu, recebeu e decifrou a primeira mensagem telegráfica sem fios com sucesso. Na época, o fato não foi divulgado por ser um conhecimento da marinha russa. No entanto, em fins de 1904, o Padre Landell de Moura, recebeu do The Patent Office at Washington três cartas patentes: para o telégrafo sem fio, para o telefone sem fio e para o transmissor de ondas sonoras.

Com o fim da I Guerra Mundial, a indústria americana, Westinghouse, ficou com um grande estoque de aparelhos de rádios fabricados para as tropas durante a guerra. A radiodifusão nasceu quando se instalou uma grande antena no pátio da fábrica para transmitir música, e por

⁸ BAPTISTA, 2006, p. 61.

⁹ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Desafios éticos da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2001.

¹⁰ SANTANA, Luther King de Andrade. *Religião e Mercado: A Mídia Empresarial-Religiosa*. Revista de Estudos da Religião, nº 1, 2005. p. 59.

meio desse "Marketing", comercializaram-se os aparelhos. Destarte, o avanço da ciência possibilitou a chegada, em 1900, da televisão e do computador. Contudo, foi na Segunda Guerra Mundial, que realmente nasceram os computadores atuais. A Marinha americana, em conjunto com a Universidade de Harvard, desenvolveram o computador Harvard Mark I.

Até 1970, os computadores *mainframes* eram propriedades de algumas empresas privilegiadas. No ano seguinte, o computador pessoal o *kembac-I* foi lançado. Todavia, o que é a década de 70 confrontada com 2014? Nesta década, a população pode ter acesso à informação pelo uso da Internet, que traz, cada vez mais rápido, o conhecimento. Para isso, é necessário o poder econômico. O produto possui seus fins econômicos, cujo objetivo principal é a informação e o conhecimento. Segue a corrida pela informação rápida, seja através de um micro pessoal ou em *lan-houses*.

Com a corrida tecnológica, o conhecimento e as formas de religiosidade circulam rapidamente por meio da informação. Logo, essas formas também fazem uso desse instrumento e seguem a lógica cultural, social, política, globalizada e ideologicamente neoliberal. De acordo com Santana:

Primeiro, em vinte anos a televisão se tornou o maior veículo de comunicação de massa do país; segundo, na década de 1970 os programas importados foram substituídos por programas nacionais em horário nobre; terceiro, a televisão brasileira nasceu aberta ao mercado; quarto, o aumento de evangélicos na população brasileira justificou uma mídia especializada voltada para este grupo; e, quinto, o fim do regime militar gerando uma abertura cultural-religiosa no país e abriram espaço para a entrada dos evangélicos.¹¹

O que queremos chamar atenção é o fato de como a mídia radiofônica, televisiva ou a cibermídia contribuem para a comunicação das diversas formas de religiosidade e, desta forma, romper barreiras no que tange ao conhecimento. Numa mesma família, cada pessoa pode conhecer outras formas de religiosidade ao acessar os diversos sites disponíveis ou as redes de bate papos. A comunicação é livre, o diálogo é aberto sem interferência de clérigos e líderes religiosos afins. Burity nos afirma que:

Uma das dimensões da relação entre religião e ciência tem sido a do impacto da tecnologia sobre a religião. A ideia do desenvolvimento aplicado do conhecimento se assenta sobre o pressuposto de que podemos conhecer a natureza e o mundo social e subjetivo "para além das aparências", em suas estruturas determinantes.¹²

O uso da mídia por religiões tradicionais tem sido motivo de pesquisas, e é reconhecido como um fenômeno. Um dos trabalhos publicados no Brasil foi o do teólogo e cientista social Hugo Assmann pelo World Association for Christian Communication (WACC) e publicado pela Editora Vozes, intitulado: "A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina".

A tecnologia tem contribuído grandemente com a expansão do conhecimento em todas as esferas, inclusive o religioso. Tendo em vista que a mídia é uma realidade social com repercussão ampla e globalizada. São numerosas as ideias acerca do transcendente e do "numinoso", que são debatidas pela tradição religiosa e veiculadas pela mídia em tempos de uma sociedade midiática, portanto orientada pela mídia.

¹¹ SANTANA, 2005, p. 56.

¹² BURITY, Joanildo, A. *Consciência reportagens*, 2005. p. 1.

“A grande mídia como: rádios, jornais, televisores e revistas, tornaram-se elementos de grande explosão e multiplicação de visões de mundo”.¹³ Segundo esse mesmo autor, no mundo contemporâneo o que importa do objeto é a imagem que ele representa. As imagens e os símbolos se sobrepõem ao real, enquanto a linguagem oral deixa de ser a principal referência.

Os que fazem a mídia sabem muito bem usar o poder da imagem. Para Mafesoli¹⁴ (1995), nossa sociedade da imagem tem a vida carregada de imagens isoladas, em decomposição e tecnologizada. Vivemos numa cultura que produz e consome imagens e, através dessas mesmas imagens, a vida dessa cultura é direcionada. Pelo fato de essas imagens gerarem experiência real de acontecimentos atuais, elas constroem um vínculo entre religião e mídia a partir do espaço que o discurso religioso ocupa na mídia.

A mídia é usada como instrumento do mundo globalizado, como canal de comunicação de ideias. Qual será o produto vendido pelas “religiões” em uma sociedade secular? O discurso? Pensamos que sim. As diversas tradições religiosas propagam seus discursos e também seus rituais e símbolos. Para Oliveira:

As transformações em curso no cenário religioso atual, patrocinadas pela forte presença da mídia, têm produzido um impacto sobre a sociedade e, também, sobre a própria natureza da religião. Essas alterações e suas consequências só poderão ser mais bem compreendidas, se levarmos em conta a especificidade da religião e seu campo de produção simbólica.¹⁵

As diversas tradições religiosas, através da mídia, utilizam a lógica do mercado, vendem, compram, orientam e conquistam; além de ser um espaço aberto que motiva a liberdade e propicia o proselitismo. O indivíduo pode escolher o que quer ouvir, ver, e até interagir, comprometendo-se ou não com seus organizadores e líderes religiosos. Conforme nos diz Oliveira.

“Dentro de uma sociedade regulada pela lógica do mercado, onde tudo é transformado em mercadoria. Surge, então, um novo paradigma de igreja”.¹⁶ Atualmente diversas religiões ou instituições religiosas assumiram a estratégia de marketing para venderem seus símbolos. Segundo Oliveira:

A produção simbólica é um processo dinâmico e contínuo, já que está ligada às condições materiais da existência, que por sua vez, estão em constante transformação, exigindo, assim, uma interminável tarefa de reelaboração. Na verdade buscando compreender a si mesmo e o mundo ao seu redor, o homem elabora, constantemente sistemas simbólicos, no esforço de encontrar respostas que confira sentido e segurança a sua existência.¹⁷

A mídia empresarial e religiosa trabalha a questão econômica com suas estratégias e seu produto de valor simbólico. Para tanto, precisa dar visibilidade a seus produtos e serviços, porque a religião e simbolismo não se separam, conforme afirma Oliveira.

A instituição religiosa estabelece as fronteiras entre as coisas desse mundo e as coisas espirituais, ou seja, os limites que separam pessoas, objetos, ritos, procedimentos, locais

¹³ OLIVEIRA, Estevam Fernandes. *O espetáculo do sagrado: emergente religião midiática*. Niterói: RJ, 2011. p. 42.

¹⁴ MAFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

¹⁵ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Globalização, ética e justiça. In: SANCHEZ, Wagner Lopes. *Cristianismo na América Latina e no Caribe: trajetórias, diagnósticos, prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 63.

¹⁶ OLIVEIRA, 2011, p. 38.

¹⁷ OLIVEIRA, 2004, p. 62.

que pertencem à esfera mundana, daquelas que se encontram na dimensão do sagrado, dos bens imateriais. Curiosamente, a própria utilização dos meios de comunicação de massa, pertencentes à esfera mundana, reflete uma mudança no conceito de sagrado por parte das igrejas.¹⁸

É importante compreender que a sociedade é o que é, e que a mídia religiosa possui esse poder de “orientar”, “controlar”, uma vez que faz uso da força motriz em que foi constituído o ser humano, conforme Durkheim: “A religião pode ser como força motriz em que se elaboram os principais germes da civilização humana. Posto que ela abarca a realidade inteira”¹⁹. É um poder que pode ser exercido por intensa manipulação simbólica por parte dos que detêm o poder.

Os padrões de uma sociedade do espetáculo funcionam como paradigma para o discurso midiático em qualquer instância, inclusive na religiosa: “Ora, os mesmos aspectos que realçam o perfil da sociedade contemporânea também caracterizam a homilética espetacular”.¹⁸

“O fato de que, nos últimos anos, a mídia se revestiu da aura religiosa. Com isso, a TV ascendeu à categoria divina ao assumir para si atributos que antes eram reservados a Deus: onipresença, onisciência e onipotência”.²⁰ Além de estar presente nas casas, também é quem orienta toda família.

A religião e a mídia vivem a lógica do mercado, por isso seguem o modelo do espetáculo com o propósito de vender seu produto: “Em sintonia, mídia e religião compartilham o contexto espetacular, no qual vivem se movem e existem”.²¹ Além disso, nas diversas formas de transmissão de qualquer informação, faz-se uso da forma de comunicar contemporânea. Ou seja, a linguagem acompanha a época. Segundo Ramos:

Para conseguir a adesão de fiéis-clientes, a religião tem agora que usar da lógica da economia de mercado, pois o pluralismo é uma situação de mercado [...] Na situação de pluralismo as tradições religiosas são agências de mercado, elas sofrem uma pressão por resultados que provoca a racionalização das estruturas criando assim as suas burocracias. A burocracia se expande para as relações sociais internas (administração) e as relações sociais externas (instituições religiosas com instituições sociais).²²

Atualmente, todas as esferas da sociedade contemporânea vivem sob a pressão do mercado globalizado. A concorrência, a disputa por poder e controle entrecruzam-se com a religião em sua pluralidade religiosa, e cada uma dessas esferas busca meios para se conservar viva. Nesse contexto de pluralismo religioso, são muitos os conflitos no que se refere à interpretação do que é ensinado em algumas tradições religiosas e também da experiência religiosa de cada um, tendo em vistas as muitas informações fornecidas pela mídia globalizada.

Pluralidade religiosa

Os portugueses chegaram ao Brasil por volta do século XVI. Ao encontrarem grupos étnicos tentaram impor a sua cultura à nova terra e consolidar a sua hegemonia, procuraram

¹⁸ OLIVEIRA, 2004, p. 64.

¹⁹ DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 231.

²⁰ RAMOS, 2006, p. 124.

²¹ RAMOS, 2006, p. 124.

²² RAMOS, 2006, p. 62.

destruir o significado dos objetos e práticas indígenas. Como nos afirma Canclini²³. Compreendemos a resistência dos indígenas, afinal nenhum povo é dominado sem a resistência de alguns. Desta maneira, surge uma nova forma de catolicismo popular. Nesses passos, o catolicismo não excluiu a diversidade religiosa, que permeava a cultura aborígena, mas imprimiu algumas transformações e adaptações para que a nova forma de cultuar a Deus fosse aceita pelo povo que habitava o Brasil.

A partir do século XIX, ocorreu outro fato que concorreu para o pluralismo religioso da cultura brasileira: a entrada do protestantismo no Brasil, o que acarretou uma divisão na arena religiosa cristã brasileira. A ideia de dominação era comum aos dois segmentos religiosos: católicos e protestantes. A diversidade religiosa teve seu corolário no início do século XX quando os pentecostais reafirmaram seu caráter proselitista, cuja intenção era a difusão da liberdade religiosa, todavia, não aceitavam nenhum diálogo com quem professasse uma fé distinta da sua. De acordo com Oliveira:

Desde o final do século XX, assistimos ao crescimento de inúmeras manifestações religiosas, de diversos matizes, sejam elas tradicionais pentecostais e neopentecostais, novas seitas enfim uma constelação de igrejas emerge no cenário da religiosidade contemporânea. Esse boom religioso suscita uma série de indagações e vários estudos no meio acadêmico [...].²⁴

Por outro lado, a separação entre Igreja e Estado contribuiu, concomitantemente, para a liberdade religiosa e, conseqüentemente, o pluralismo religioso. Segundo Mariano:

A separação teria contribuído para a diversificação institucional do campo religioso ao pôr fim ao monopólio religioso, às perseguições religiosas e aos privilégios legais da religião dominante e, ao mesmo tempo, ao conceder e assegurar ampla liberdade religiosa aos indivíduos e aos demais agentes e grupos religiosos. Em suma, da separação resultam a desmonopolização religiosa, a liberdade e o pluralismo religioso.²⁵

Compreendemos, portanto, que a secularização do estado, ou seja, a perda do poder da igreja sobre o estado, contribuiu para a expansão do pluralismo religioso. “A ampla liberdade religiosa resultante da secularização do Estado está na raiz da desmonopolização religiosa, da formação e expansão do pluralismo religioso e, por conseqüência, do acirramento da concorrência religiosa”.²⁶

A “Reforma no século XVI, possibilitou o surgimento de diversos segmentos religiosos com o rompimento do monopólio da igreja católica”.²⁷ Conforme Mariano²⁶, no caso brasileiro, o pluralismo concorrencial consolidou-se na segunda metade do século XX, após passarem mais de meio século da separação Igreja-Estado, concorrendo para a legalidade de todas as formas de religiosidade, defesa da tolerância e, portanto, defesa do pluralismo religioso. Um arcabouço das conseqüências dos tempos modernos. Para Cury:

Nas sociedades ocidentais e mais especificamente a partir da modernidade, a religião deixou de ser o componente da origem do poder terreno deslocado para a figura do

²³ CANCLINI, Néstor García. *As Culturas Populares no Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 74.

²⁴ OLIVEIRA, 2011, p. 60.

²⁵ MARIANO, Ricardo. *Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religioso sobre as igrejas pentecostais*. 2003. p. 113.

²⁶ MARIANO, 2003, p. 112.

²⁷ OLIVEIRA, 2011, p. 116.

indivíduo e, lentamente, foi cedendo espaço para que o Estado se distanciasse das religiões.²⁸

No decorrer dos tempos e da história brasileira, caminhos são desbravados, abertos para a pluralidade religiosa que existe na atual conjectura religiosa brasileira. “E o universo religioso vai ser tingindo por essa experiência vivida pelo ser humano como “criador do real para si mesmo”. A religião, agora, é entendida como criação humana, portanto, como relativa e passiva de crítica”.²⁹

No pluralismo as estruturas de plausibilidade são multiplicadas, relativizadas e entram em concorrência. Os conteúdos religiosos passam a serem privados, individuais e passam a se referir à existência individual, a história de vida. A pluralidade faz com que os grupos religiosos busquem cada qual manter seu fragmento frente aos outros fragmentos do mundo. Assim, as possibilidades de legitimações são muito variadas sem serem seguras. O indivíduo escolhe a legitimação, se certifica dela e a legitima com dados existenciais para si mesmo.³⁰

No dizer de Peter Berger³¹, a religião sofre crise na sua estrutura e já não explica nem fundamenta a realidade nem ordena o cosmos, isso por causa devido à falta de interesse pela metafísica e pelo advento da modernidade. Segue-se o pluralismo como forma de o indivíduo aderir à religião voluntariamente. Segundo Santana, além disso:

O pluralismo atinge os conteúdos religiosos que são mudados pela preferência dos consumidores. Essas preferências acabam por formar os conteúdos da moda. O mundo é secularizado, assim como suas preferências, o que faz com que os produtos religiosos se adequem às consciências secularizadas.³²

Na ideologia do pluralismo religioso, não existe discriminação religiosa. “Na linha da nova reflexão teológica sobre o pluralismo religioso, as religiões são compreendidas não apenas como genuinamente diferentes, mas também autenticamente preciosas”.³³

Conforme Teixeira, o pluralismo é uma forma de conceber o mundo da Teologia da Libertação, que é um tema bastante importante no continente latino-americano. Pensando na Teologia da libertação como uma das mãos do catolicismo oficial e tradicional, que dominou religiosamente o Brasil desde a colônia, mas esteve em crise. Agora, busca reascender seu domínio pela via de uma teologia que propõe o pluralismo religioso, mas, subliminarmente, seu fundamento é fortalecer e renascer o domínio católico. Assim mudam-se os valores e se aposta na reinstitucionalização ou recatolização do Brasil.

Existe uma grande preocupação com o trânsito dos fieis para outras confissões religiosas, por isso, inúmeras campanhas são realizadas, inclusive a Igreja oficial e a CNBB trouxeram a evidência de uma igreja que se preocupa com os pobres e o povo. Os fieis procuram experiências religiosas. Desta forma, o que favorece atualmente é a figura do convertido seja da renovação carismática católica, ou Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs): “é uma experiência que envolve

²⁸ CURY, Carlos Roberto Jamil. *Ensino religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente*. Revista Brasileira de Educação, 2004. p. 183.

²⁹ SANTANA, 2005, p. 112.

³⁰ SANTANA, 2005, p. 64.

³¹ BERGER, P. L. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. SP: Paulus, 1985.

³² SANTANA, 2005, p. 63.

³³ TEIXEIRA, Faustino. *Pluralismo Religioso*. Horizonte: Belo Horizonte, 2005. p. 30.

pessoas que descobrem ou redescobrem uma identidade religiosa até então vivenciada superficialmente”.³⁴ Ainda com relação ao trânsito religioso, que proporciona essa visão pluralista, Teixeira afirma:

Impressiona também a capacidade de adaptação e ajustamento dessa religião a novas situações ‘quando observada de perto vemos como ela se abre e se permite diversificar, de modo a oferecer, em seu interior, quase todos os estilos de crença e de prática da fé existentes também fora do catolicismo.’³⁵

As pelepas religiosas continuam, entretanto, a Teologia da Libertação, a partir dos anos 90 buscou resolver a questão de como acolher a diversidade, e passou a sublinhar o diálogo das diversas teologias como fator relevante para compreender o mundo dos pobres. A discussão gira em torno da relação do cristianismo com as outras religiões. Para Teixeira:

No âmbito católico, será a presença de Karl Rahner a romper os limites de uma reflexão estreita sobre a relação do cristianismo com as outras religiões. Marcando uma diferença substantiva com respeito à teologia do acabamento, defendida por teólogos como Danièlou e Henri de Lubac, o teólogo Karl Rahner indica que as diversas religiões não apresentam somente elementos de uma crença natural em Deus, mas trazem consigo substanciais traços sobrenaturais da graça doada por Deus ao homem em Jesus Cristo.³⁶

A teologia do Pluralismo Religioso surge na Europa, Ásia e América do Norte. Entretanto, não pode ser confundida com tolerância religiosa ou diálogo inter-religioso, ou diversidade religiosa, apesar de fazer uso do diálogo entre as religiões. O pluralismo religioso tem em sua base teórica a compreensão de que Deus é amor e salvação universal. O Pluralismo religioso afirma que toda religião é verdadeira para quem acredita. Essa nova teologia, resultante da teologia da libertação, propõe-se uma nova hermenêutica, busca-se uma teologia que é inserida no diálogo inter-religioso, entretanto, seu itinerário segue perspectivas diversas, que também encontram resistências entre autores.

Considerações finais

O fenômeno do pluralismo religioso, que remonta à implantação da religião do colonizador português no Brasil, tem progredido com o avanço das tecnologias e do fenômeno midiático. A diversidade religiosa desvela-se como um caminho em busca do sagrado, pois a espiritualidade faz parte da constituição do ser humano e é por meio da religiosidade que este ser busca um sentido para a sua vida. E, nesta procura, as diversas formas religiosas presentificam-se nas mais diversas culturas.

Referências

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. *Globalização e as teologias da Libertação e do Pluralismo Religioso*. Horizonte: Belo Horizonte, 2006.

³⁴ TEXEIRA, 2005, p. 24.

³⁵ TEXEIRA, 2005, p. 18.

³⁶ TEXEIRA, 2005, p. 12.

BERGER, P. L. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. SP: Paulus, 1985.

CANCLINI, Néstor García. *As Culturas Populares no Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Ensino religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente*. Revista Brasileira de Educação, 2004.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrolado*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MAFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MARIANO, Ricardo. *Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religioso sobre as igrejas pentecostais*. 2003.

OLIVEIRA, Estevam Fernandes. *O espetáculo do sagrado: emergente religião midiática*. Niterói: RJ, 2011.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Desafios éticos da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. *Globalização, ética e justiça*. In: SANCHEZ, Wagner Lopes. *Cristianismo na América Latina e no Caribe: trajetórias, diagnósticos, perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

RAMOS, Luiz Carlos. *A práxis homilética e a espetacularização do discurso religioso contemporâneo*. *Revista Caminhando*, 2006.

SANCHEZ, Wagner Lopes. *Pluralismo Religioso no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2012.

SANTANA, Luther King de Andrade. *Religião e Mercado: A Mídia Empresarial-Religiosa*. Revista de Estudos da Religião, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.

TEIXEIRA, Faustino. *Pluralismo religioso*. Horizonte: Belo Horizonte, 2005.

www.sulradio.com.br/destaques/destaque_30337.asp.